

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

95
ANOS

LA CAPILLA REAL DE MADRID OSCAR GERSHENSCHON

REGÊNCIA



Com cultura a vida tem mais sentido

Programa de Democratização Cultural Votorantim

A Votorantim reconhece a importância da arte na formação humana. Por isso, apóia projetos comprometidos em ampliar e melhorar o acesso dos jovens, prioritariamente, às mais diversas manifestações artísticas.

Acesse www.votorantim.com.br/democratizacaocultural
para mais informações sobre os projetos apoiados e os processos de seleção

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

95
ANOS

LA CAPILLA REAL DE MADRID

OSCAR GERSHENSCHON

REGÊNCIA

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA



Companhia Brasileira de Alumínio
Votorantim

patrocínio

Telefónica

LA CAPILLA REAL DE MADRID

Desde sua criação, por Oscar Gershensohn, em 1992, o conjunto vocal-instrumental La Capilla Real de Madrid vem desenvolvendo um notável trabalho no terreno da interpretação da música antiga em instrumentos de época. A música europeia dos séculos XVI, XVII e XVIII – com especial atenção para o Século de Ouro e o Barroco espanhóis – é o repertório privilegiado pelo grupo.

No domínio operístico, La Capilla Real de Madrid tem se destacado pela produção e encenação de títulos como *Dido e Enéas* (Purcell, Prêmio Ágora no Festival de Almagro de 1995), *Ácis e Galatéia* (Haendel), *The Fairy Queen* (Purcell), *Orfeu e Eurídice* (Glück) e *O Doente Imaginário* (Molière/Charpentier). No domínio da música de concerto, o conjunto vem realizando elogiadas leituras de obras de compositores como Monteverdi (*Vésperas da Virgem, Selva Morale e Spirituale*, Integral dos Livros de Madrigais), Purcell (*Odes, Anthems*), Haendel (*O Messias, Four Coronation Anthems*), Bach (*Paixão Segundo São João, Missa em Si menor, Oratórios, Cantatas*), Mozart (*Réquiem*), Haydn (*A Criação*).

Do repertório do Século de Ouro e do Barroco espanhóis, La Capilla Real promoveu a reestrea de grande número de obras, trabalho que resultou na gravação de dois CDs dedicados a composições de mestres-de-capela dos Mosteiros da Encarnação (Madri) e de Guadalupe (Cáceres), e motivou convites para o grupo participar de eventos como o Madri Capital Cultural 1992, o Festival de Música Religiosa de Cuenca (1997) e o Festival Internacional de Jaén (2001), e se apresentar em instituições como o Patrimônio Nacional (2000) e a Fundação Complutense (2002).

Merecem destaque também as apresentações de La Capilla Real no Teatro Monumental e no Auditório Nacional, em Madri, no Teatro Clássico de Mérida, no Festival de Almagro, na Fundação Príncipe de Astúrias, no Festival de Arte Sacra de Paris, no evento Roma Jubileu 2000, no *Ludwigsburg Festspiele* e no *The Abu Gosh Vocal Festival* (Israel), assim como o ciclo comemorativo dos 250 anos da morte de Bach, realizado no Círculo de Belas Artes de Madri, e a organização e direção de três edições do Curso Internacional de Música Barroca de Madri. La Capilla Real é um dos conjuntos responsáveis pelo ciclo Música nas Igrejas de Madri – dedicado às Cantatas de Bach, o ciclo apresenta, desde outubro de 2004, a integral dessas obras em diversas igrejas madrilenhas.

La Capilla Real de Madrid já teve o prazer de trabalhar com artistas de prestígio internacional, como Evelyn Tubb, Charles Brett, Marcus Ullmann, Michael George, Mark Tucker, Jordi Ricart, Marleese Petersen, Robert Expert, Marina Pardo, Charles Daniela e Simon Grant, dentre outros.



LA CAPILLA REAL DE MADRID

A portrait of Oscar Gershensohn, a man with a mustache and dark hair, wearing a black long-sleeved shirt. He is standing in front of a textured, light-colored wall. In the background, there are wooden beams and a string of warm white lights. The image is overlaid on a larger, semi-transparent version of the same photo.

OSCAR GERSHENSOHN

OSCAR GERSHENSohn Direção Musical e Regência

Nascido em Buenos Aires, Oscar Gershensohn é formado em direção orquestral pela Universidade de La Plata e é mestre em direção coral e orquestral pela Academia Rubin de Jerusalém. Entre 1979 e 1984, foi Diretor do Coro e Orquestra de Jovens Intérpretes de Buenos Aires. Em 1986, assumiu a direção do Coro Oratório de Jerusalém, com o qual se apresentou em concertos em Israel e em turnês na Dinamarca, na Holanda, na Bélgica, na Alemanha e na Suécia. Em 1988, foi nomeado Maestro Adjunto do Coro Nacional de Israel, posição que o levou a colaborar com a Filarmônica de Israel em diversos projetos. De 1989 a 1991, foi Regente Titular da Orquestra ICCY – *International Cultural Center for Youth*. Como maestro convidado, Gershensohn já esteve à frente de diversos conjuntos, dentre os quais se destacam: Grupo de Música Contemporânea de Jerusalém, Orquestra Sinfônica de Mendoza (Argentina), Sinfônicas de Haifa e da Rádio e Televisão de Israel, Sinfonietta Israelense, Orquestra Sinfônica de Astúrias, Coro e Orquestra da Comunidade de Madri, Coro e Orquestra do Principado de Astúrias e Orquestra de Câmara Rainha Sofia.

Radicado na Espanha desde 1990, Oscar Gershensohn ali fundou, em 1992, o conjunto vocal e orquestral La Capilla Real de Madrid. Especialista em música Barroca, foi convidado a estudar as partituras pertencentes ao arquivo do Mosteiro de Guadalupe (Cáceres, Espanha) e a interpretar obras como as missas *Laudate Omnes Gentes*, de Guerrero (Festival de Música Religiosa de Cuenca, 1997), *Laudate Nomen Domini*, de José de Nebra (Patrimônio Nacional, 2000) e *Ecce Sacerdos Magnus*, de Corselli (Auditório Nacional, Ciclo de Concertos U.C.M., 2002), além da zarzuela barroca *Ifigenia en Tracia* (Nebra, Sociedade *España Nuevo Milenio*, 2001). Em 2005, a pedido do Instituto Complutense de Ciências Musicais, realizou a edição e a interpretação da ópera *Farnace*, de Corselli, em comemoração do terceiro centenário de nascimento do compositor.

Atualmente, Oscar Gershensohn é Co-Diretor Artístico e programador do ciclo Música nas Igrejas de Madri, promovido pela Prefeitura de Madri, e ocupa a posição de Regente Titular do Coro da Universidade Complutense de Madri e da Orquestra e Coro Via Magna, com os quais trabalha fundamentalmente o repertório dos séculos XIX e XX.

MARÍA INMACULADA FÉREZ Soprano

Nascida em Madri, formou-se em canto pelo Conservatório Real de Música do Reino Unido e especializou-se nos repertórios renascentista e clássico. Solista regularmente convidada para participar dos concertos da Capilla Real de Madrid, com esse grupo interpretou obras de Monteverdi (*Vésperas da Beata Virgem*, *Livros de Madrigais* e a maior parte da *Selva Morale e Spirituale*), Carissimi (*Jephte*), Schütz (*História do Natal*, *Magnificat* e *Salmos*) e Cavalli, dentre outros compositores. Seus compromissos recentes com a Capilla incluem apresentações no Festival de Abu Gosh (Israel), no Teatro Monumental e no Auditório Nacional de Madri, no Festival de Teatro de Mérida e na Capela do Palácio Real de Madri.

O repertório da cantora inclui também partes de soprano solista na *Paixão Segundo São João* e nos Oratórios da Páscoa e da Ascensão, de Bach, em Antífonas e Motetos, de Victoria, no *Messias*, de Haendel, e em obras de Charpentier, Mondonville, Mozart e Campra. No domínio operístico, María Inmaculada Férez destacou-se, recentemente, em *Farnace*, de Corselli, e em *The Fairy Queen*, de Purcell.

MERCEDES ARCURI Soprano

Argentina natural de Buenos Aires, estudou canto e regência na Universidade Católica Argentina e no Instituto Superior de Arte do Teatro Colón; em sua cidade natal, apresentou-se no Salão Dourado do Teatro Colón e nos Teatros Avenida e San Martín. O repertório de concerto de Mercedes Arcuri inclui partes de soprano solista nas seguintes obras: Réquiem (Mozart), Oratório de Natal (Saint-Saëns), *Magnificat* (Bach), *Gloria* e *Magnificat* (Vivaldi), *Stabat Mater* (Pergolesi) e *Exéquias Musicais* (Schütz). No domínio operístico, vem se destacando em produções de *Don Pasquale*, *La Fille du Régiment*, *Paride ed Elena (Amore)*, *Così fan tutte (Despina)*, *O Diretor (Mme. Hertz)*, *O Rapto do Serralho (Blonde)*, *O Morcego (Adèle)* e *Hamlet (Ofélia)*, e também nas zarzuelas *Château Margaux (Angelita)* e *Marina*.

Desde 2003 residente em Madri (aonde vem estudando com Laurence Verna), Mercedes Arcuri é colaboradora assídua da Capilla Real de Madrid, com a qual cantou em apresentações de *The Fairy Queen (Segunda Fada)*, *A Flauta Mágica (Primeira Dama)* e no Oratório de Natal de Charpentier.

SOLISTAS

SARA MATARRANZ Soprano

Nascida em Segovia, Espanha, estudou solfejo, piano e harmonia no conservatório de sua cidade natal, formou-se em canto pelo Conservatório de Valladolid e em 2006 diplomou-se com Menção Honrosa pela Escola Superior de Canto de Madri. Completou sua formação – técnica vocal, repertório e interpretação – em cursos com Alfredo Kraus, Teresa Berganza, Nancy Argenta, Mark Hastings e Jeff Cohen. Atualmente, participa como solista de diversos coros e é professora de canto e conjunto coral na Escola Municipal de Música de Ávila.

Em 2003, sua participação como solista do 52º Festival Internacional de Música e Dança de Granada valeu-lhe elogios da crítica especializada, que a considerou uma das jovens promessas do panorama lírico espanhol. Sara Matarranz foi agraciada com primeiros prêmios nos seguintes concursos de canto: Concurso Musical Maestro Barrasa (Valladolid, 2001), Festival Internacional Vozes no Caminho de Santiago, especialidade “vozes líricas” (2003), Curso de Canto Cidade de Cádiz (2004) e *II Premio Hispánica*, para jovens intérpretes líricos (Madri, 2006).

MARTA INFANTE Mezzo-soprano

Espanhola natural de Lleida, iniciou seus estudos de música – piano, viola e canto – em sua cidade natal e formou-se pela Universidade de Ostrava, na República Checa. Ex-integrante da Ópera Nacional da Morávia, Marta Infante tem se apresentado também na Polônia, na Grécia, na Jordânia, no Egito, na Síria, no Líbano, no Japão e na Espanha. Dentre os compromissos recentes da artista, destacam-se aparições como *mezzo-soprano* solista em colaborações com a Capilla Real de Madrid, o grupo *Anthonello* (Japão), a *Amsterdam Baroque Company*, as Orquestras Sinfônicas da Galícia e de Madri, a Orquestra Nacional da Espanha e a Filarmônica de Málaga.

Atuante também nos palcos líricos, a cantora destacou-se por suas participações na ópera *Helena do Egito* (Strauss), no Teatro Real de Madri, e na *zarzuela Salir el Amor del Mundo* (Sebastián Durón), em que cantou o papel principal, no Teatro Arriaga de Bilbao. Recentemente, Marta Infante lançou seu primeiro CD solo, *Cantatas para Contralto de Telemann*, com o *Ensemble Fontegara*, dirigido por Raúl Mallavibarrena.

MARCUS ULLMANN Tenor

Alemão natural de Olbernhau, começou a cantar aos dez anos de idade, no *Dresdner Kreuzchor*, estudou na *Hochschule für Musik* de Dresden e aperfeiçoou-se com Dietrich Fischer-Dieskau e Marga Schiml. Dono de vasto repertório de concerto, Ullmann já se apresentou em quase todos os países da Europa, nas Américas do Norte e do Sul e no Japão, sob a regência de maestros como Frieder Bernius, Ivor Bolton, Marcus Creed, Christoph Poppen, Helmuth Rilling e Peter Schreier, dentre outros. Ativo também nos palcos operísticos, tem cantado em vários teatros na Alemanha, no *Teatro La Fenice* de Veneza, na Ópera de Roma, no *Teatro Comunale* de Florença e na Ópera de Los Angeles, interpretando boa parte dos principais papéis mozarteanos para tenor.

Marcus Ullmann já realizou recitais no *Wigmore Hall* de Londres, no *Concertgebouw* de Amsterdã e em prestigiosas salas de música no Cairo e em Tóquio, bem como tem participado de importantes festivais internacionais de música, como a *Schubertiade* de Schwarzenberg, o Festival da Música Européia de Stuttgart e o Festival de Kuhmo, na Finlândia.

JOSE-ANTONIO CARRIL Barítono

Espanhol de San Sebastián, é formado pela Escola Superior de Canto de Madri e colabora regularmente com grupos de música barroca como *La Grande Écurie et la Chambre du Roy*, *Ricercar Consort*, *Le Concert des Nations*, *Capella Reial de Catalunya*, *Estil Concertant* e *Forma Antiqua*. Com a Capilla Real de Madrid, interpretou obras de Monteverdi, Purcell (*Dido e Enéas* e *Ácis e Galatéia*), Haendel (O Messias) e cantatas de Bach. Jose-Antonio Carril já se apresentou em importantes salas de concerto e festivais europeus de música, como o Outono Musical de Versalhes, a Sala Pleyel de Paris, o Festival Telemann de Magdeburg, o *Ludwigsburger Festspiele* de Stuttgart, o Conservatório de Moscou e a *Konzerthaus* de Viena.

Cultor da ópera dos séculos XVII e XVIII, o barítono tem se destacado em títulos como *L'Orfeo* (Monteverdi), *Pimpinone* e *Der Geduldige Socrates* (Telemann), *La Serva Padrona* (versões de Pergolesi e de Paisiello), *La Madrileña*, *Una Cosa Rara* e *La Festa del Villaggio* (Martín y Soler), sob direção de regentes como Jordi Savall, Jean-Claude Malgoire, Gabriel Garrido, Philippe Pierlot, Jacques Ogg e Wieland Kuijken.

SÉRIE BRANCA

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA, 31 DE JULHO, TERÇA-FEIRA, 21H

SÉRIE AZUL

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA, 1 DE AGOSTO, QUARTA-FEIRA, 21H

Johann Sebastian Bach (1685 – 1750)

Osternoratorium (Oratório de Páscoa), BWV.249

37'

1. Coro: Kommt, eilet und laufet
2. Recitativo: O kalter Männer Sinn!
3. Ária: Seele, deine Spezereie
4. Recitativo: Hier ist die Gruft
5. Ária: Sanfte soll mein Todeskummer
6. Recitativo e arioso: Indessen seufzen wir
7. Aria: Saget, saget mir geschwinde
8. Recitativo: Wir sind erfreut
9. Coro: Preis und Dank

Georg Friedrich Haendel (1685 – 1759)

Foundling Hospital Anthem (Antífona do Asilo dos Enfeitados), HWV.268 (versão de 1749)

18'

1. Abertura: Opus 7, nº 1 – Largo e piano
2. Coro: Blessed are they
3. Quarteto e coro: The charitable shall be
4. Coro: Comfort them
5. Duo: The people will tell
6. Coro: Hallelujah

intervalo

Francisco Corcelli (1705 – 1778)

Missa Brevis de Palacio (Madri, 1746) **8'**

Kyrie
Gloria

José de Nebra (1702 – 1768)

Para obsequio a la Deydad, nunca es culto la Crueldad
(Para obsequiar a divindade,
nunca serve de culto a crueldade) **25'**

(Seleção de trechos da zarzuela barroca Ifigenia en Tracia)

Coro: Baile pastorela
Ifigenia, Orestes e Coro
Mochila e Cofieta: duo burlesco
Coro
Ária de Orestes
Mochila, Cofieta e Coro

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2007 encontra-se disponível em nosso site www.culturaartistica.com.br uma semana antes dos respectivos concertos.

PRÓXIMOS CONCERTOS

Sala São Paulo

GUSTAV MAHLER JUGENDORCHESTER

PHILIPPE JORDAN REGÊNCIA

THOMAS HAMPSON BARÍTONO

Concertos Amarelos 27 de agosto, segunda-feira

Mahler *Lieder de Des Knaben Wunderhorn* e Sinfonia nº 6

Concertos Vermelhos 28 de agosto, terça-feira

R. Strauss *Morte e Transfiguração*

Mahler *Lieder de Des Knaben Wunderhorn*

Stravinsky *A Sagração da Primavera*



**Benfeitores
Cultura Artística**



FOTO NELSON KON

Benfeitores Platina

**Bovespa – Bolsa de Valores
de São Paulo**

**Companhia Brasileira de
Liquidação e Custódia**

Suzano Papel e Celulose SA

Benfeitor Prata

MD Invest Participações Ltda

Benfeitores Bronze

Livraria Cultura SA

Opinião SA

Sifra SA

**Ajude-nos a ampliar o alcance de nossa
música e de nossas artes.**

**Seja você também, ou faça de sua
empresa, um Benfeitor Cultura Artística,
categorias Platina, Ouro, Prata ou Bronze.**

**Desfrute de vários benefícios em nossa
programação e em nossos teatros.**

- As doações anuais podem ser parceladas em até 5 vezes.

Associação “Sociedade de Cultura Artística”

Rua Nestor Pestana, 196 São Paulo SP
Fones (11) 3256 0223 / 3257 3261 Fax (11) 3258 3595
cultart@dialdata.com.br



MÚSICA E RUÍDOS

Inaugurado em 1950, o Teatro Cultura Artística recebera cuidadoso tratamento acústico (virtude de nossas salas até hoje). Afinal, tratava-se da sede de uma das mais importantes instituições culturais de São Paulo, habituada a receber músicos de grande prestígio. Entretanto, a excelente qualidade sonora tornava evidentes, também, todas as interferências e ruídos provocados pelos espectadores na platéia. Quaisquer movimentos involuntários, sussurros, suspiros, tosses e pigarros ecoavam pela sala e competiam com as nuances e sutilezas dos instrumentistas ou cantores que estavam no palco. A diretoria da SCA começou a se preocupar com o problema; alguns críticos queixavam-se abertamente, nos jornais, da pouca atenção que certos ouvintes demonstravam durante os concertos.

Em 1951, o pianista Wilhelm Kempff realizaria quatro recitais no mês de junho. Para que os assinantes usufríssem sem constrangimentos do virtuosismo do grande artista, o editor do programa distribuído aos ouvintes resolveu transcrever o *Decálogo do Freqüentador de Concertos*, que havia sido publicado pelo crítico Antonio Rangel Bandeira na revista *O Cruzeiro*. Em seus dez mandamentos, o jornalista escreveu que o espectador não deveria jamais acompanhar a melodia, com a cabeça, ou o ritmo, com os dedos, para não demonstrar que seu interesse se restringia apenas a um dos aspectos da música; chamava também a atenção dos que corriam para a saída ao final do concerto, como se fugissem de um sacrifício iminente. E lembrava, ainda, que não se devia conversar com o vizinho, a não ser durante o intervalo. A lista dos “pecados” pensada por Rangel Bandeira é bem humorada, às vezes irônica e sempre perspicaz. Todas suas recomendações são pertinentes até hoje, apesar de terem sido formuladas há mais de 50 anos. Para atualizá-la, é preciso acrescentar dois itens: a tosse, que parece ter se tornado verdadeiro vício durante os concertos, e o telefone celular, que além de tocar fora de hora tem sido usado para sacar fotos dos artistas em ação. Se evitarmos tossir – e formos discretos caso seja impossível deixar de tossir – e se desligarmos os celulares, público e músicos não serão tão incomodados por interferências extramusicais. Bom concerto a todos!

LA CAPILLA REAL DE MADRID

OSCAR GERSHENSOHN Direção Musical e Regência

CORO

Sopranos

María Inmaculada Férez
Mercedes Arcuri
Sonsoles Espinosa
María del Mar Martínez
Raquel García
Sara Matarranz

Contraltos

Marta Infante
Paz Martínez
Luis Badosa
Amaro Gonzalez

Tenores

Marcus Ullmann
Angel Iznola
Cesar Narbona
Albert Riera

Baixos

Jose Antonio Carril
Rodrigo Guerrero
Vicente Martínez
Gabriel Zornoza

ORQUESTRA

Violino Solista

Lina Tur Bonet

Primeiros Violinos

Lina Tur Bonet
Iñigo Aranzasti
Javier Perez
Silvia Mondino

Segundos Violinos

Marcelino Garcia
Rocio Almansa
Isaac Martínez

Violas

Marcial Moreiras
Alvaro Dominguez

Violoncelo

Guillermo Martínez

Contrabaixo

Hector Castillo

Tiorba

Aníbal Soriano

Oboés

María Jose Megina
Jordi Argelaga

Fagote

Marta Calvo

Trombetas

Rene Maze
Ricardo Casañ
Giuseppe Frau

Timbales

Dionisio Villalba

Claves

Alberto Martínez

Órgão

Patricia Mora

Coordenação

Regina Bocanegra Fuentes
Aldonza Gómez del Grado

Técnico

Rubén del Pozo

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685 – 1750)

Osternoratorium (Oratório de Páscoa), BWV.249

Na produção sacra de Bach, a palavra Oratório é empregada somente três vezes: em obras dedicadas à Páscoa, à Ascensão e ao Natal. É interessante notar, antes de tudo, que o *Kantor* utiliza o termo oratório não tanto como um gênero musical dotado de leis próprias, mas sim para designar obras na forma habitual da cantata, que apresentam, porém, perfil de caráter mais narrativo ou dialogado. É o caso da peça de que aqui nos ocupamos. O Oratório de Páscoa foi escrito em 1725 e, curiosamente, nasceu como uma cantata profana. Sua gênese e suas sucessivas transformações são reveladoras.

O duque Christian de Saxe-Weinssenfels tinha sua corte na pequena e bonita cidade de Weinssenfels, à margem do Saale, a cerca de 25 km de Leipzig. Amante das festas, o duque costumava comemorar seus aniversários com espetáculos de música, ópera, teatro, caçadas e banquetes. Sabemos hoje que em 23 de fevereiro de 1725, nos festejos de seus 39 anos, foi interpretada a primeira versão desta cantata (BWV.249a). Pouco depois, em 1º de abril, a obra foi apresentada com um novo texto e já como Oratório de Páscoa, catalogado como BWV.249. No ano seguinte, para felicitar o conde Joachim Frederick von Fleming, a obra estreou com outro texto, em versão que leva o número 249b. Em forma de oratório e com diversas modificações, a cantata seria repetida nos anos de 1738, 1739 e 1740. Entre as modificações, há vários detalhes a comentar.

Na primeira versão, são incluídos dois movimentos instrumentais que alguns autores (A. Basso) asseguram não terem sido incluídos nos anos seguintes; outros consideram que o segundo desses movimentos, ou é apócrifo, ou é parte de um concerto que Bach copiou literalmente e introduziu na versão cortesã (esses movimentos não são incluídos nos concertos desta temporada). O primeiro coral era originalmente um duo, mas na versão que ouviremos respeita-se a última interpretação de Bach, que o transformou em coral e duo. No que diz respeito aos personagens, Bach concebeu a primeira versão com Maria Madalena, Maria Cleofas e os discípulos Pedro e João. Embora eles não apareçam na partitura copiada por seu filho Carl Philip Emmanuel (em 1738), em nossos concertos eles aparecem tal como o compositor os concebeu. Supõe-se, ademais, que os sucessivos textos tenham sido adaptados por Picander, autor confirmado da versão profana.

Não descreveremos aqui os movimentos que serão ouvidos: o texto e a música falam por si. Assinalemos, no entanto, o ténue limite (se é que esse limite existe) entre música sacra e música profana, tema já clássico há séculos. É evidente que, para Bach, os textos e a “função” podiam ser diferentes em cada caso, mas os afetos que a obra encerra são sempre universais. Vale

observar que a beleza deste Oratório se realça ainda mais se o considerarmos à luz das danças que, em forma de suíte, lhe deram origem. Eis sua relação: nº 1, Coro – Alegria e júbilo pela ressurreição (Abertura); nº 3, Soprano – Doçura e carinho ante o corpo vitorioso de Jesus (Tempo de Minueto); nº 5, Tenor – O sono de Jesus como o próprio descanso (*Bourrée* Lenta); nº 7, Contralto – Regozijo e alívio no abraço a Jesus (Gavota); nº 9, Coral – Ação de graças (Giga).

GEORG FRIEDRICH HAENDEL (1685 – 1759)

Foundling Hospital Anthem

(Antífona do Asilo dos Enjeitados), HWV.268

(versão de 1749)

Como no caso do Oratório de Páscoa de Bach, essa obra de Haendel também passou por diversas modificações ao longo da história. Thomas Coram, comandante reformado da marinha inglesa, vinha trabalhando havia anos na criação de um abrigo para “admissão, manutenção e educação de crianças abandonadas e sem família”. Em 1739, ele obteve uma licença real para a construção de um asilo. As obras foram iniciadas em 1742. Coram contava com o apoio de vários artistas, e sua instituição, em ata de 9 de maio de 1749, agradeceu a Haendel a oferta de um concerto para arrecadar fundos, para os quais o próprio rei Jorge II já contribuía com 3.000 libras.

O programa compreendia a Música para os Fogos de Artifício Reais, uma seleção de trechos do oratório *Salomão* e um novo hino: *Blessed are they that considereth the poor* [Bem-aventurados os que têm consideração pelos pobres]. A relação de Haendel com o orfanato durou o resto de sua vida, e o teclado de órgão que o mestre deu de presente para a instituição pode ser visto hoje na *Thomas Coram Foundation*.

Haendel concebeu a peça como um hino sacro para coro e orquestra, utilizando algum material preexistente, como o hoje célebre Aleluia de seu oratório mais conhecido, O Messias. Em versões posteriores, o compositor acrescentou à obra algumas árias para solista. A versão que ouviremos segue o texto original, incluindo apenas o duo *The people will tell*, cantado originalmente por duas crianças e em nossas apresentações interpretado por duas sopranos. Como Haendel provavelmente teria feito, e o que era muito comum na época, a apresentação será precedida de um Concerto para Órgão – o *opus 7*, nº 1 –, que leva a indicação *Largo e piano*.

Como em nosso comentário sobre Bach, preferimos não analisar formalmente cada movimento da Antífona HWV.268. Talvez, no caso de Haendel, caiba mencionar que, nesta peça, ao impacto que sua música sempre nos causa, soma-se – como no oratório *Theodora*, que lhe é contemporâneo – um elemento que,

esculpido na pedra da angústia, permeia cada som das duas obras: o desamparo. Haendel trata-o como uma vicissitude da heroína, em *Theodora*, e das crianças de rua, na Antífona, mas se formos capazes de olhar para nós mesmos perceberemos que se trata de um afeto radical, que sempre acaba por tocar a alma de toda criatura humana.

FRANCISCO CORSELLI (1705 – 1778)

Missa Brevis de Palacio (Madri, 1746)

Da história do compositor da Missa Brevis de Palacio pouco sabemos. Tão pouco que, segundo os dicionários de música, ele teria nascido em Piacenza, Parma, em 1702; de acordo com outras fontes, teria nascido sim nessa cidade, mas em 19 de abril de 1705, o que parece mais exato. Sigamos seus passos: filho de Jeanne Médard e Charles Courcelle (professor de dança a serviço da corte de Parma), Corselli tornou-se, em 1727, Mestre-de-capela da igreja Stecatta de Parma, sucedendo [ao compositor] Geminiano Giacomelli [1692 – 1740]. Também é significativo em sua história o fato de Corselli ter sido Mestre-de-capela do duque de Parma (futuro Carlos III da Espanha), entre 1727 e 1733. Esse vínculo com a Espanha, estabelecido através de Isabel de Farnesio, levou-o a tentar a sorte em Madri, solicitando, em 1º de dezembro de 1733, o cargo de professor de música dos Infantes e um futuro posto de *Maestro de la Real Capilla*. Finalmente, em 1738, após cinco difíceis anos, Corselli foi nomeado Mestre-de-capela, função que exerceria durante nada menos de 40 anos.

À frente dos músicos da Corte, o compositor encarregava-se, juntamente com José de Nebra, de fornecer aos fundos musicais (devastados pelo funesto incêndio do Real Alcázar, em 1734) as obras necessárias para as celebrações litúrgicas, assim como de organizar e renovar os componentes da Capela Real, que sob sua direção conheceu um de seus mais brilhantes momentos. Corselli deixou-nos 324 obras sacras (outras 113 se perderam). [...] Qual seu estilo?

Um músico italiano do século XVIII era, sem dúvida, um músico universal. Mais do que isso: sua universalidade (seu sucesso também) dependia, se não exclusivamente, pelo menos em grande parte do fato de ser italiano. Corselli preenchia esse requisito e também outro, não menos importante: encontrava-se em dia quanto às modas musicais. Aqui, caberia falar do período que se estende do Barroco ao estilo Galante e das influências que compositores como Durante, Leo e Pergolesi, dentre outros, exerceram sobre nosso músico. Mas para não nos determos nas características específicas do estilo, diremos que todos esses elementos se encontram presentes e que sua música era perfeitamente contemporânea. No entanto – e aqui só podemos

arriscar uma especulação –, há em suas obras uma articulação notável, curiosa, sutil, às vezes imperceptível, entre a Itália (o universal) e a Espanha (o particular).

Corselli italianiza seu nome, mas “espanholiza” sua música. Atrevemo-nos a dizer isso baseando-nos em alguns aspectos que, embora sutis, nem por isso são menos importantes. Nosso compositor escreve para uma orquestra clássica, em forma e conteúdo, mas para dois coros. Esses dois coros não são tratados segundo o velho costume “veneziano”, mas “à espanhola”, isto é, de acordo com o estilo conhecido como “policoral”: um coro solista e um coro *tutti*. Qualquer compositor italiano da época teria escrito para solistas e coro. Corselli compõe “à espanhola”, ou seja, dota o primeiro coro de um caráter polivalente, característica graças à qual sua escritura flui, sem solução de continuidade, pelo tratamento solista, policoral ou por oito vozes reais, e inclusive, isso é o mais curioso, por 4 vozes reais, com a inclusão do quarteto solista junto ao segundo coro. Corselli adere assim à tradição e à linguagem espanholas, sem renunciar no entanto às “conquistas” do moderno. [...] Como poucos, Corselli foi capaz de articular o espírito da música espanhola (tanto culta como popular) às novidades que, como linguagem, o Pré-clasicismo italiano propunha a toda a Europa.

JOSÉ DE NEBRA (1702 – 1768)

Para obsequio a la Deydad, nunca es culto la Crueldad (Para obsequiar a divindade, nunca serve de culto a crueldade)

(Seleção de trechos da zarzuela barroca *Ifigenia en Tracia*)

A *zarzuela* é um gênero que se mantém como espetáculo na sociedade espanhola até nossos dias. Seu nome deriva do local que os reis destinavam à caça, situado nos arredores de Madri. Era no Palácio da Zarzuela que se realizavam as representações para a corte: comédias no estilo de Lope de Vega ou Calderón de la Barca, com suas partes musicais de características marcadamente “espanholas”, pois inspiradas em danças e canções de origem popular.

Durante o século XVIII, a popularidade desse tipo de encenação levou à transformação de algumas óperas italianas em *zarzuelas*; além disso, vários compositores italianos instalados em Madri também escreveram *zarzuelas*, com textos de autores locais, como foi o caso de Corradini e Boccherini. Nesse gênero, José de Nebra é um dos mais destacados compositores espanhóis do século XVIII. Nascido em Calatayud, numa família de músicos, estudou em Cuenca, onde seu pai era organista da Catedral, e bem jovem instalou-se em Madri como organista do Convento das Descalças Reais. Em 1724, foi nomeado organista da Capela Real, posto que conservaria por toda a vida.

Entre 1723 e 1751, conciliou seu trabalho na Capela Real com a composição de numerosas obras para teatro. Colaborou regularmente com as companhias teatrais de Madri, escrevendo *zarzuelas*, comédias de santos e de magia, *sainetes* e *finas de fiesta*.

Para obsequio a la deydad nunca es culto la crueldad [Para obsequiar a divindade, nunca serve de culto a crueldade] estreou no dia 15 de janeiro de 1747 com grande sucesso, sendo rerepresentada dois anos depois. Essa obra, de temática clássico-pastoril e tom mitológico-burlesco, apresenta, em sua versão completa, as características mais importantes do gênero, a saber: a mistura do canto com o teatro falado, e do teatro sério com o teatro bufo. As formas utilizadas são o recitativo, a ária, os corais, as *seguidillas* e os fandangos.

Na seleção que ouviremos, a ação começa com uma procissão ao templo de *Diana*, cena festiva em que o coro canta um bailete pastoril. Depois, ante a possibilidade do sacrifício de *Orestes*, as ninfas, ouvindo suas súplicas de piedade, entoam o lamento “Ah, jovem infeliz!”, a que se segue o duo cômico do casal *Mochila* e *Cofieta*, criados dos personagens principais, que, curiosamente, são moradores do bairro de Chamberí, ainda hoje um dos mais populares de Madri. Nesse primeiro dueto, *Mochila* acusa *Cofieta* de lhe ser infiel, de só lhe dedicar piadas e zombarias. O coro seguinte é o que abre o segundo ato; sucede-lhe a ária em que *Orestes* defende *Ifigênia* (ainda sem saber que ela é sua irmã), manifestando a fúria de um leão ferido. A seleção se encerra com uma *seguidilla* de *Mochila* e *Cofieta*, secundados pelo coro, cujo tema é a eterna e graciosa desavença entre maridos e mulheres.

Comentários por Oscar Gershensohn

Edição RUI FONTANA LOPEZ

Projeto Gráfico CARLO ZUFFELLATO e PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA

Traduções EDUARDO BRANDÃO

Fotos DIVULGAÇÃO

Editoração Eletrônica BVDA / BRASIL VERDE

Prepress e impressão GARILLI

MANTENEDORES

Adolpho Leirner
Adroaldo Moura da Silva
Afonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre Fix
Alfredo Rizkallah
Aluizio Rebello de Araújo
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Álvaro Oscar Campana
Angelita Habr Gama
Annete e Tales P. Carvalho
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Jr.
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Cassio Casseb Lima
Centaurus Equip. de Cinema e Teatro
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Dario Chebel Labaki Neto
Eduardo L. P. R. de Almeida
Elisa Villares L. César
EPU-Editora Pedagógica e Universitária
Estrela do Mar Participações de Bens
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Felipe Arno
Felipe e Hilda Wroblenski
Fernando Carramaschi
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos B. Bracher
Francisco José Turra
Gioconda Bordon
Henrique e Eduardo Brenner
Henrique Meirelles
Israel Vainboim
Jacks Rabinovich
Jairo Cupertino
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim Gama
José Adolfo da Silva Gordo (in memorian)
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José Roberto Ópice
Lea Regina Caffaro Terra
Livio de Vivo
Lucila e José Carlos Evangelista
Luís Stuhlberger
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Mario Arthur Adler
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Moshe Sendacz
Nélio Garcia de Barros
Nelson Nery Jr.
Patrick Charles Morin Jr.
Paulo César Aragão

Remida Empreendimentos Comerciais
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Roberto e Yara Baumgart
Roberto Mehler
Rogério Ribeiro da Luz
Ruth e Raul Hacker
Ruy e Célia Korbivcher
Salim Taufic Schahin
Sandor e Mariane Szego
Sonia Regina A. Otero Fernandes
Sylvia e Flávio Pinho de Almeida
Theodoro Flank
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
2 mantenedores anônimos

AMIGOS

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Aluizio Guimarães Cupertino
Ana Maria L. V. Igel
Ana Maria Malik
Ana Paula Fernandes Nogueira da Cruz
André Luiz Shinji Hayata
Andrea Sandro Calabi
Antonio C. Farroco Jr.
Antonio Carlos Pereira
Antonio Correa Meyer
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Roque Citadini
Ayako Nishikawa
BVDA / Brasil Verde Design
Carlos Fanucchi Oliveira
Carlos J. Rauscher
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Cassio A. Macedo da Silva
Cesar Tácito Lopes Costa
Claudia A. G. Musto
Cláudio Halaban
Cláudio Roberto Cernea
Edson Eidi Kumagai
Eduardo M. Zobarán
Eduardo T. Hidal
Eduardo Telles Pereira
Elias e Elizabeth Rocha Barros
Elisa Wolyneć
Erwin Herbert Kaufmann
ELVC Emp. Comerciais e Participações
Fabio Konder Comparato
Fabio Nusdeo
Fátima Zorzato
Fernando K. Lottenberg
Francisco H. de Abreu Maffei
Francisco José de Oliveira Jr.
Francisco Mesquita Neto
Gérard Loeb
Giampaolo Baglione
Giovanni Guido Cerri
Gustavo H. Machado de Carvalho
Henrique B. Larroudé
Hilda Mayer
Horácio Mario Kleinman
Izabel Sobral
Jacob Gorender
Jacques Caradec
Jaime Pinsky
Janos e Wilma Kövesi
Jayme Rabinovich
Jayme Vargas
Jeanette Azar
Jerzy Mateusz Kornbluh
João Baptista Raimo Jr.
João Gomes Caldas (in memorian)
Jorge Diamant
Jorge e Liana Kalil
José Carlos Dias
José e Priscila Goldenberg
José E. Queiroz Guimarães
José Paulo de Castro Ensenhuber

José Roberto Mendonça de Barros
José Theophilo Ramos Jr.
Kalil Cury Filho
Katalin Borger
Leo Kupfer
Lilia Salomão
Luiz Roberto Andrade de Novaes
Luiz Schwarz
Marcello D. Bronstein
Marcos Flávio Correa Azzi
Maria Luiza Loyola Colin
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Gasparian
Maria Teresa Igel
Marianne e Ruy George Fischer
Mario e Dorothy Eberhardt
Mario Higino N. M. Leonel
Marta D. Grostein
Mauris Warchavchik
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Milú Villela
Monica Mehler
Morris Safdie
Natan Berger
Neli Aparecida de Faria
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
Oscar Lafer
Pedro Stern
Rafael Jordão Motta Vecchiatti
Ramiro E. Andreotti Gomes Tojal
RCS Auditores
Regina Weinberg
Ricardo Ramenzoni
Renata e Sérgio Simon
Roberto Calvo
Rodrigo Parreira e Carolina Chemin
Rubens Halaban
Rubens Muszkat
Ruy Souza e Silva
Sae Laboratório Médico
Samuel Lafer
Sérgio Leal Carvalho Guerreiro
Silvio Meyerhof
Tamas Makray
Thomaz Farkas
Thomas Frank Tichauer
Thyrso Martins
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Walter Ceneviva
11 amigos anônimos

Sociedade de Cultura Artística

Diretor Presidente
José E. Mindlin

Vice-Presidente
Cláudio Sonder

Diretor Tesoureiro
Antonio Hermann D. Menezes de Azevedo

Diretor Secretário
Pedro Herz

Diretora Artística
Gioconda Bordon

Diretores
Eduardo Luiz Paulo R. de Almeida
Fernando Carramaschi
Fernando Xavier Ferreira
Gérard Loeb
Jayme Sverner
Roberto Crissiuma Mesquita
Thomas Michael Lanz

Superintendente
Gérald Perret

Conselho
José E. Mindlin – Presidente
João Lara Mesquita – Vice-presidente
Milú Villela
Afonso Celso Pastore
Alfredo N. Rizkallah
Antonio Ermírio de Moraes
Carlos J. Rauscher
César Tácito Lopes Costa
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Henri-Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
José Luís de Freitas Valle
José M. Martínez Zaragoza
Mário Arthur Adler
Plínio José Marafon
Salim Taufie Schahin

Conselho Consultivo
Sylvia Kowarick
Hermann Wever

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

ABRIL, 16 E 17

SALA SÃO PAULO

BUDAPEST FESTIVAL ORCHESTRA
IVÁN FISCHER REGÊNCIA

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

95
ANOS

MAIO, 2 E 7

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

BRITTEN SINFONIA
JOANNA MACGREGOR PIANO

MAIO, 14 E 15

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

PIOTR ANDERSZEWSKI PIANO

JUNHO, 19 E 20

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

YO-YO MA VIOLONCELO
KATHRYN STOTT PIANO

JULHO, 31 E AGOSTO, 1

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

LA CAPILLA REAL DE MADRID
OSCAR GERSHENSCHN REGÊNCIA

AGOSTO, 27 E 28

SALA SÃO PAULO

GUSTAV MAHLER JUGENDORCHESTER
PHILIPPE JORDAN REGÊNCIA
THOMAS HAMPSON BARÍTONO

SETEMBRO, 3 E 4

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

QUARTETO HAGEN CORDAS

SETEMBRO, 24 E 25

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

ORCHESTRA BAROCCA DI VENEZIA
ANDREA MARCON REGÊNCIA
GIULIANO CARMIGNOLA VIOLINO

OUTUBRO, 15 E 16

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

JACQUES LOUSSIER TRIO

NOVEMBRO, 5 E 6

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE VARSÓVIA
ANTONI WIT REGÊNCIA
ANTONIO MENESES VIOLONCELO

Datas e programação sujeitas a alterações.

Comunicação também é unir pessoas sem dizer uma palavra.

Telefônica. Patrocinadora dos Concertos da Sociedade de Cultura Artística.



Telefônica

www.telefonica.com.br